

* **Editorial**

Editorial: Doralice, eu bem que te disse...

DOI:10.3395/reciis.v5i2.488pt

Na pesquisa empírica com seres humanos ou atores sociais seria muito difícil evitar formas de enquadramento investigativo do tipo coleta (de dados) seguida de análise (do material), ou ainda, método de observação versus tipo de intervenção. Mas, porque não dizê-lo, – talvez seja inútil ou pretencioso tentar modificar esta grade. Importa entretanto considerar que a fotografia e seus subprodutos tem se habilitado a frequentar quaisquer destas dimensões, por vezes de modo imperceptível.

As metodologias de pesquisa dedicadas ao intrincado processo saúde-doença costumam se esquecer da imagem, da fotografia, do vídeo e do cinema, a despeito de seu potencial. O próprio campo biomédico parece ter se esquecido que a radiologia consistiria basicamente em uma análise de imagens fotográficas. Neste sentido, tanto a antropologia social quanto a psicanálise, embora trabalhando a contrapelo e igualmente minoritárias, sempre mantiveram uma inquietação quanto ao papel das imagens no campo de investigação. Malinowski, Mead e Bateson, Spitz e Robertson foram personagens emblemáticos nestas veredas. O cinema etnográfico de Jean Rouch veio finalmente consagrar este panorama onde verdade, ilusão, arte e ciência inauguram novas bodas após o divórcio definitivo com os ideais de purificação, neutralidade e refutabilidade. Como afirma David MacDougall, embora inexista um gênero propriamente entendido como filme etnográfico **per se**, e inclusive alguns teóricos se recusem a defini-lo por zelo com a abertura interdisciplinar do projeto, pode-se distinguir o copião etnográfico (ethnographic footage) do filme etnográfico (ethnographic films), lembrando além disto que o vídeo tem peculiaridades que inspiram respeito. O caráter de documento, seja dos filmes ficcionais ou dos documentários, não escapa à teoria informacional-documental engendrada por Jean Meryiat, que distingue o documento por intenção daquele constituído por atribuição. Não é contudo impossível que se descortinem novos arranjos teóricos no campo empírico, pois na atualidade, dispomos de um repertório crescente de dispositivos digitais acessíveis e baratos para captura de imagens, assim como já avançamos bastante no reconhecimento da importância em realizar pesquisas qualitativas em saúde.

Esta edição temática da RECIIS se origina de um trabalho de reflexão iniciado a partir da primeira edição do curso de atualização “Cinema etnográfico, imagem e pesquisa qualitativa em saúde”, no final do ano de 2009, no ICICT/Fiocruz. O encontro entre profissionais e pesquisadores da saúde deu margem a um debate acerca do espectro de uso da imagem no campo de pesquisa em saúde coletiva e suas reverberações inesperadas. Com isso, tivemos a chance de oferecer novas edições do curso, que enriquecidas pela trajetória inicial vem ampliando ainda mais o repertório de interrogações sobre o estatuto da imagem na pesquisa em saúde, - seja em saúde pública, no campo biomédico, na educação e/para/em saúde, nos estudos sociais da ciência ou ainda na interface arte-ciência.

O curso originou-se com a constatação de que a informação acerca de pesquisa qualitativa utilizando imagem era reduzida no país, em especial na fronteira entre antropologia visual e saúde coletiva. O campo da antropologia da imagem vem se desenvolvendo em programas de pesquisa antropológica com Etienne Samain na UNICAMP, Fernando de Tacca, e Patrícia Monte-Mór no Núcleo de Antropologia e Imagem da UERJ, entre outros, tendo sido inclusive criado um periódico especializado. A convergência com o cinema etnográfico, a progressiva utilização do vídeo nas etnografias urbanas, o papel da fotografia e iconografia na pesquisa histórica e na história oral legitimam estas iniciativas. Por outro lado, estudos de saúde mental que valorizam o registro e coleta de dados na relação mãe-bebê, na gênese subjetiva, em psicopatologia e na crítica da experiência asilar constituem outro nicho de interesse, desenhando um enfoque que vai da micro-sociologia ao infra-individual. Verifica-se inclusive que há pouquíssimos cursos dedicados à temática, sempre mais decididamente ligados ao cinema ou à estética, inexistindo qualquer ênfase no problema da pesquisa em comunicação/informação e saúde. Em contrapartida, nota-se indubitável interesse, demanda, e necessidade de formar pesquisadores nestes domínios interdisciplinares mais ou menos hibridizados. Seria possível ainda evocar a tendência recente na criação de mostras de cinema ou vídeo, festivais, encontros e debates dedicados ao cinema etnográfico, assim como o movimento do cinema nas aldeias e a ocupação do youtube ou vimeo com amostragem substancial.

Este conjunto de textos ambiciona expor algumas correntes de reflexão teórica sobre a utilização das

imagens em pesquisa, mostrar algumas iniciativas, apontar para alguns acontecimentos e ainda resgatar dívidas. Não se espere aqui nenhum fio condutor escolhido com suficiente isenção, mas ao contrário, tentamos seguir a estrutura do curso adotando contribuições de alguns de seus professores. Urdimos conexões e buscamos exibir um panorama amplo, incomum e heteróclito. A contribuição interinstitucional é uma marca do curso e fica patente nos textos escolhidos.

A Prof.Dra.Diana Pinto, pesquisadora da Memória Social da UNIRIO, apresenta as bases da análise do discurso a partir da sociolinguística interacional indicando três vocações teóricas que contribuíram para este tipo de abordagem: análise da conversação com Sacks, a etnografia da comunicação de Dell Hymes e Gumperz, e ainda a análise de enquadramento com Gregory Bateson e Goffman. Neste contexto emerge o projeto de integrar informação de natureza não-verbal na coleta dos dados, empregando o registro áudio-visual e oferecendo uma forma sofisticada de registrar "as ações humanas múltiplas e complexas nas quais vários atores sociais estão engajados". A imagem restitui à pesquisa uma dimensão interacional que permite a compreensão do modo com que sujeitos contextualizam o discurso. Cumpre notar que a pesquisadora interessa-se especialmente pela consulta médica e seu contexto interativo complexo. Este ponto abre para a discussão de aspectos éticos como a confidencialidade na captação de imagens em uma entrevista com um paciente. A questão da ética em pesquisa com seres humanos e da resolução 196/96 mostra-se bastante oportuna pois vivemos um momento em que ocorre grande preocupação com a imagem e a confidencialidade em pesquisas que utilizam fotografia ou vídeo.

O antropólogo Pedro Gradella, atuando no Laboratório de Comunicação e Saúde (LACES-Fiocruz), fala sobre o uso do audiovisual como suporte às produções na área da antropologia, bem como as relações entre os dois campos que se configuram a partir disso. Pedro preocupou-se em reconstituir os debates sobre o cinema etnográfico, expondo cuidadosamente as tensões entre cinema-verdade e cinema direto, assim como a relação entre o projeto etnográfico inicial e suas reconsiderações na modernidade tardia.

Luciana Barbio, antropóloga, escreve sobre o papel da fotografia na construção da identidade da sociedade indígena Paresí. Este foi uma das etnias que o lendário major Luiz Thomaz Reis registrou durante a Comissão Rondon, constituindo um dos mais antigos registros de filme etnográfico brasileiro. Seu trabalho de campo entre membros deste grupo converge para a maravilhosa fotografia do cacique, vestido com um terno que escolheu especialmente para ser fotografado pela antropóloga. Através dos registros fotográficos feitos pela Comissão Rondon, o texto busca contrapor a visão oficial do projeto, ação estratégica de integração e ocupação de fronteiras, ao discurso atual Paresí sobre o tema. Esta preocupação em refazer trajetórias investigativas ou expedições recebeu atenção especial de pesquisadores da COC, em particular o Prof. Dr. Eduardo Thielen e a Profa. Stella Oswaldo Cruz Penido, que refizeram algumas incursões ribeirinhas dos grandes sanitaristas brasileiros e produziram vasta documentação em fotografia, filme e vídeo destas revisitações.

O artigo da Profa.Dra. Rafaela Zorzanelli, do Instituto de Medicina Social da UERJ, visa a analisar o poder de persuasão das imagens médicas a partir do uso das fotografias na medicina mental européia no fim do século XIX, e o das neuroimagens, no campo das neurociências contemporâneas, enfatizando problemas concernentes ao seu processo de produção.

O artigo de Mariana Bteshe e do Prof. Dr.Carlos Estellita-Lins, origina-se de quase uma década de pesquisa no IFF/FIOCRUZ quando se empreendeu um estudo sistemático da gênese subjetiva utilizando vídeo para registro da interação mãe-bebe em situações institucionais como UTI neonatal, em bebês pré-termo, no contexto de patologias sindrômicas, e ainda de situações regulares como a troca de fraldas. Junto com Prof. Dr. Octávio de Souza, submeteram-se alguns paradigmas lacanianos ao crivo de uma releitura da relação objetual precoce anglo-saxã. Neste artigo ambos buscam uma apresentação de iniciativas relevantes na filmagem de bebês e crianças pequenas com destaque para os estudos psicanalíticos da relação mãe-bebe. A tarefa de descrever e classificar as iniciativas não ultrapassa o quadro pragmático da indicação de formas de constituição do campo. O objetivo consistiu em apontar a importância das pesquisas com imagem para o estudo da gênese da relação intersubjetiva.

A Profa. Dra. Kátia Lerner, pesquisadora do LACES/Fiocruz, trata de duas experiências norte-americanas de pesquisa - o Arquivo Fortunoff (Yale) e o Instituto Fundação Shoah (USC) - que utilizaram a captura audiovisual como importante instrumento de coleta de dados, de forma a destacar a importância de se refletir sobre os regimes de imagem em pesquisa.

Não seria legítimo falar em etnografia sem mencionar as netnografias emergentes como metodologia de habitar e pesquisar a Web. A virtualidade e suas repercussões também se colocam na seara da pesquisa com imagem, no artigo do designer Marcelo Vasconcellos, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS/ICICT/Fiocruz), e da Profa. Dra. Inesita

Soares de Araújo que explora as principais técnicas etnográficas aplicáveis ao meio online, discutindo as modificações necessárias para sua utilização em etnografias no campo dos jogos massivos online, denominados MMORPGs (*Massively Multiplayer Online Role-Playing*). Este tipo de interface gráfica tem caminhado na direção do detalhe diminuto, da multidão de pixels e true color, em suma, buscando a imagem simulacro junto com seu potencial de emulação.

É bastante louvável que este periódico tenha assumido a tarefa de publicar pesquisas em estado provisório, precário quanto aos resultados, ditas em andamento. Na seção das pesquisas em andamento, Clarice Portugal e colaboradores sob orientação do Prof. Dr. Carlos Estellita-Lins, que integram o grupo de pesquisa de prevenção ao suicídio do Labcities/FIOCRUZ, contribuem com sua reflexão inicial sobre uma investigação dedicada à exibição de vídeos em sala de espera clínica. Trata-se de uma experiência de exibição de vídeos em saúde no espaço de um serviço de emergência psiquiátrica no Rio de Janeiro, destacando a sala de espera como espaço de educação e saúde e analisando suas características, seu processo, e efeitos observados. É efetivamente uma investigação piloto dentro de uma etnografia espessa de emergências psiquiátricas.

Homero Carvalho e Tânia dos Santos, protagonistas da VídeoSaúde Distribuidora, trazem um artigo sobre a "Oficina VídeoSaúde – da Ideia ao Argumento", que ocorre binualmente e é voltada para o momento de concepção das propostas de vídeos em saúde. Os autores relatam o surgimento deste projeto e apontam para os limites e possibilidades da produção audiovisual como prática relevante no campo da saúde.

Em nosso número trazemos também três resenhas críticas: uma sobre o livro iconográfico *Boticas & Pharmacias: Uma História Ilustrada da Farmácia no Brasil*, do Prof. Dr. Flávio Coelho Edler, historiador e pesquisador da COC-FIOCRUZ, que apresenta imagens da história da farmácia no Brasil, centrada na história do ofício e das práticas terapêuticas nos contextos sociais, culturais e históricos específicos. A resenha foi redigida por Liandro Lindner e Elaine Kabarite, mestrandos do PPGICS.

A documentarista Flávia Corpas, doutoranda da PUC, junto com o Prof. Dr. Marcus André Vieira, escreve sobre um raro documentário que trata da vida e obra de Artur Bispo do Rosário, célebre paciente da Colônia Juliano Moreira: *Prisioneiro da Passagem*, de 1982, dirigido pelo psicanalista e fotógrafo Hugo Denizart, cujas denúncias sobre maus tratos manicomial foram importantes para a reforma psiquiátrica no Brasil.

Paulo Giacomini, jornalista e mestrando do PPGICS, contribui para nossa edição com uma resenha sobre o filme *Lixo Extraordinário*, dirigido por Lucy Walker, que mostra o trabalho do artista plástico Vik Muniz em um dos maiores aterros sanitários do mundo: o Jardim Gramacho, no Rio de Janeiro.

O presente fascículo finaliza com uma homenagem ao trabalho da Reforma Psiquiátrica em torno de um sistema de saúde democrático e aberto ao sofrimento psíquico, objeto de pesquisa de nosso grupo. Dessa forma, achamos de grande importância dar visibilidade a uma importante iniciativa de utilização da imagem na saúde, desenvolvida em 1996 por usuários e funcionários do Instituto Philippe Pinel (IPP), e que foi um marco na reforma psiquiátrica brasileira: a TV Pinel. Edvaldo Nabuco, pesquisador do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental e Atenção Psicossocial (LAPS/Fiocruz), presta homenagem a Doralice Araújo, criadora da TV Pinel. Verônica Miranda e Bianca Reis, mestrandas do PPGICS, entrevistaram com o então diretor do IPP no período da criação da TV Pinel, Ricardo Peret, que possibilitou a implantação desse importante projeto de imagem e saúde mental.

Agradecemos à RECIIS e ao Instituto de Comunicação e Informação Tecnológica em Saúde (ICICT), da Fiocruz, pelo convite para organizar este número temático, assim como a dedicação e entusiasmo da equipe editorial da Revista na sua elaboração. Agradecemos à Faperj pelo apoio e fomento da pesquisa sobre suicídio mencionada acima. Agradecemos também a Clarice Portugal e a Livia Motta de Lara, integrantes do nosso Grupo de Pesquisa, cujo trabalho de revisão foi inestimável. Por fim, este resultado positivo deve muito também ao LAPS/Fiocruz e ao Prof. Dr. Paulo Amarante; a equipe do VídeoSaúde; a Profa. Dra. Alice Ferry de Moraes; ao grupo do PEPAS do IMS/UERJ; a Profa. Dra. Anna Hartman e a pós-graduação em Memória Social da UNIRIO; a Profa. Dra. Débora Diniz; a Julia Araújo Ferreira, filha de Doralice Araújo; e aos colaboradores e professores do curso de "Imagem, Cinema Etnográfico e Pesquisa Qualitativa em Saúde".

Carlos Estellita-Lins
Mariana Bteshe
Eduardo Thielen

Notas

- 1 As famosas Tobriand Boxes, caixas de fotografias que Bronislaw Malinowski realizou durante sua estada em Mailua e depois em estão atualmente ao alcance dos olhos e dedos inclusive para download em sua maior parte, tratadas e disponibilizadas pela london School of economics no endereço: http://www2.lse.ac.uk/library/archive/holdings/malinowski_bronislaw.aspx
- 2 Cadernos de Antropologia e Imagem, editados pela UERJ, Núcleo de Antropologia e Imagem